

Conferência

VICENTE BELTRÁN ANGLADA



Diálogos Esotéricos

A TRANSMUTAÇÃO DO HOMEM.

Barcelona, 03 de junho de 1981

A VERDADE HÁ DE SE APRESENTAR DE TAL MANEIRA QUE CONVENÇA SEM PRENDER E QUE ATRAIA, MESMO SEM CONVENCER. ISTO SÓ PODE SER REALIZADO PELA LINGUAGEM DO CORAÇÃO.

Diálogos Esotéricos

A TRANSMUTAÇÃO DO HOMEM.

Reunimo-nos aqui sob o lema dos nossos diálogos esotéricos, na tentativa de extrair de nós algo que está habitualmente encerrado em mistério. Todas as pessoas, é claro, amam o mistério, mas descobrir o mistério e desvendá-lo, como a condição esotérica, é muito difícil de perceber. Tentamos fazer com que todo o nosso diálogo esotérico tenha um aspecto genuinamente prático, porque se o esoterismo se tornar um conhecimento simples, mais ou menos profundo, a longo prazo ele falhará, porque é a mente que trabalha com o conhecimento, mas a ação está sempre limitada a essa capacidade que o homem tem de entender as coisas. Ou seja, entre a compreensão de uma coisa até o seu augusto cumprimento há um vazio, um vazio tremendo e é para preencher esse vazio que é importante que a pessoa dê um passo à frente, superando a inércia da ação, procurando ser coerente com cada um de seus atos, e nessa capacidade de ação é possível descobrir o mistério que oculta toda a vida humana.

Hoje vamos falar – mesmo que pareça uma coisa muito utópica ou muito metafísica – de algo que é tão absolutamente prático que eu imploraria que prestassem muita atenção aos termos e ao que vai ser dito, porque o conhecimento esotérico dessas coisas, apoiado pelo conhecimento que vocês têm delas dentro do comportamento social ou dentro do contexto social em que vivemos imersos, pode realmente abrir uma saída para o exterior transcendente, ao qual nos referimos tantas vezes. Entre o sentido imanente e o transcendente há um vazio, e com o quê vamos preencher esse vazio? O desejo de Deus não é a realização de Deus, pois o conhecimento do mistério não é a revelação de tal mistério, portanto, é ao indivíduo que pensa, que sente e que procura buscar o ser genuíno dentro de si, sendo cada vez mais singular e original em cada uma de suas reações que podemos descobrir o mistério. O tema que vamos falar hoje é o das irmandades planetárias, brancas e negras. Como segundo ponto, falaremos da alquimia transmutadora da ação; e, finalmente, procuraremos como encontrar a pedra filosofal A pedra filosofal – vocês já sabem – é a descoberta de si mesmo.

O mundo está sempre dividido entre duas grandes vozes, sempre foi assim desde o início dos tempos, pois desde o início dos tempos quando nosso planeta começou a existir já havia um movimento de introdução do espírito na matéria e outro de introdução da matéria no espírito. Através dessa dualidade foram criadas todas as situações possíveis, todos os ambientes sociais e tudo o que acontece na vida da natureza; portanto, quando falamos de irmandades planetárias ou, se preferirmos, cósmicas, estamos nos referindo justamente a essa

dualidade existente e que o ser pensante, o ser civilizado com um aspecto inferior altamente desenvolvido, está tentando superar. Quando lhes digo que é preciso atravessar o grande vazio que separa as duas margens da vida humana, a inferior e a superior, refiro-me a esta tentativa do ser humano de penetrar na transcendência de si mesmo; isto é, muito concretamente falando, cada um de nós deve tornar-se um Cavaleiro do Santo Graal, entendendo que o Santo Graal é sempre a sede do coração e quando nos falamos do Santo Graal, estamos sempre nos referindo a essa qualidade interior de caracteres transcendentais que o homem está constantemente tentando descobrir e realizar. Contra a atividade dos Cavaleiros do Santo Graal, que, como digo, não se refere apenas à atividade dos Senhores da Távola Redonda, nem ao Rei Arthur, nem a todos aqueles paladinos trabalhadores que queriam ir atrás do segredo oculto da Divindade, mas é um fato cósmico que o ser humano inteligente deve tentar interpretar corretamente, transformar uma ação prática em vida cotidiana porque o mistério do Santo Graal, do coração, ou Shamballa, se preferirmos um nome mais esotérico, estão constantemente nos ditando a descoberta desse mistério, mas não através de um conhecimento mais ou menos exato da realidade, mas através de um aspecto muito prático na vida cotidiana; ou seja, quando falamos de iniciação — acho que falamos demais de iniciação — com referência ao ser humano, estamos tentando descobrir o que é que podemos fazer na ação cotidiana para que sejamos finalmente introduzidos na Câmara dos Mistérios, e há o trabalho do esoterista, do buscador, do pesquisador, qualquer que seja o nome que lhe dê, é sempre esta entidade planetária, esta entidade ultrassocial, por assim dizer, que saindo do nada de si mesma está buscando a totalidade de Deus, ou que todo Deus tenta penetrar na essência dessa pequena parte imanente. Mas o que nos trará se nos colocarmos como Cavaleiros do Santo Graal ou, como nos dizem, os dias na noite escura? Da mesma maneira como existem forças da escuridão que trabalham para o mal, porque é a lei, e somente quando se estabelece um equilíbrio perfeito entre o bem e o mal é que o mundo marcha para o seu ritmo pleno de perfeição, desde que no equilíbrio haja ritmo e no ritmo haja a perfeita autonomia da ação do Logos Planetário, então seremos obrigados a fazer um esforço contra aqueles a quem chamamos "conselheiros do diabo". É algo muito místico, não é?, mas existem "conselheiros do diabo", e toda vez que nos comportamos de forma inadequada no culto com a ação social somos "conselheiros do diabo" ou, até certo ponto, agora que o conhecemos, porque é a ação cotidiana, é a ação fecunda, levada por um propósito espiritual de ser e realizar, não em um futuro hipotético, mas aqui e agora, estamos juntos procurando desvendar um segredo ou descobrir um mistério, porque, obviamente, todos nós carregamos dois seres no fundo: um pode ser o Parsifal e o outro pode ser o próprio Klingsor de Parsifal, que sempre se rebela contra os Cavaleiros do Santo Graal. É algo simbólico, mas é também uma realidade prática, psicológica, nas nossas vidas, como investigadores, porque na nossa era científica, na nossa era técnica, na nossa era dinâmica, temos de nos preocupar mais com a ação do que com o simples conhecimento. O conhecimento é abundante, vocês sabem disso. Porém, a ação é sempre pobre. Como nos foi dito

há meio século, a guerra que começou em 1914 e continuou até 1945 poderia ter sido evitada se os pesquisadores esotéricos tivessem cumprido adequadamente sua missão, se tivessem participado plenamente, sem medo, com ousadia e coragem, dentro da escuridão tenebrosa de si mesmos e tivessem decidido lutar abertamente contra aquelas forças que galvanizavam a aura etérica do planeta e que, infelizmente, provocaram aquela guerra tão desastrosa, que, como digo, não terminou em 1918 com o Tratado de Versalhes, mas continuou a espalhar pelos níveis ocultos uma luta de vontades opostas dos homens entre si, até que finalmente, em 1939, esse sangue ou essa tremenda ferida da humanidade começou a brotar novamente.

Não nos interessa de forma alguma explicar o que é uma epopeia de guerras, nem os terríveis cataclismos pelos quais a humanidade passou para chegar ao momento presente. Todos temos consciência de que aqui chegamos através de um processo de luta entre o bem e o mal, e estamos no final do século XX e o mesmo estado de coisas continua; Parsifal por um lado e Klingsor por outro, tentando usurpar do Senhor do Mundo a glória da ação criativa, portanto, não é simplesmente um problema hierárquico, nem é um problema de Shamballa para os esoteristas, é um problema simplesmente humano, e porque estou ciente de que se trata de um aspecto completamente humano vou me referir a ele aqui, sabendo que vocês vão entender, e se entenderem será fácil para vocês retificá-lo, e que o Parsifal interno, a Alma humana, o verdadeiro Augoeides espiritual da vida, o ser transcendente que está em nosso próprio ser é que deve triunfar. Caso contrário acredito que não estaríamos aqui, certamente estaríamos em outro lugar. Mas o fato de estarmos aqui e agora é porque queremos nos tornar, de uma forma ou de outra, Cavaleiros do Santo Graal. O Santo Graal, repito, não é simplesmente um mito ou uma lenda, é a história do ser humano tentando buscar a vida espiritual, superando todas as trevas dentro de sua vida pessoal e estabelecendo contatos cada vez mais sinceros e profundos com seus semelhantes, e tentando relegar, se possível, o aspecto intelectual para um lado e a intuição para triunfar do outro. Isso porque, percebam, na mente há também o conflito que encontramos em Parsifal e Klingsor, procurando apenas ver quem pode vencer, e perceber também, que a guerra é sempre uma luta de vontades, vontades opostas, naturalmente; vontades, semivontades que tentam completar uma vontade de uma forma ou de outra, no bem ou no mal. Por isso, temos sempre o mito do anjo e do diabo e, naturalmente, se colocarmos esse objetivo em nossas vidas, veremos que não é simplesmente um mito, mas uma realidade, porque todos nós podemos retificar as nossas ações, porque em cada um de nós há a orientação da consciência. É essa consciência inalterável que rege o processo da vida que realmente nos pede que nos arrisquemos a atravessar esse grande vazio de insegurança que existe entre uma ou outra das duas margens de separação de nossa vida humana.

Naturalmente, para chegar a este ponto devemos realizar o que é tecnicamente chamado de transmutação. O que é tecnicamente a transmutação?

Os alquimistas diziam que era converter o metal vil, chumbo, ferro ou cobre, em ouro perfeito, o ouro puro das emoções perfeitas, e pode realmente ser assim, porque a transmutação sempre tem a ver com uma realidade transcendente que é introduzida em nosso composto orgânico, psicológico e psíquico, e tenta transformar cada uma de nossas células em radioativas. Percebem o processo? E como podemos realizar essa alquimia transmutadora? Se a mente é o guia da ação, então a transmutação deve começar aqui, em nossa pequena mente e ir descobrindo novos horizontes, e quanto mais dilatados esses horizontes estiverem, melhor compreenderemos o significado da transmutação; uma transmutação que tem a ver com uma transmutação de átomos físicos, uma transmutação de átomos astrais – se me permitem o termo, ou psíquico – e uma transmutação que afeta a mente. Além desses elementos, existe um movimento natural que é a própria vida em manifestação, mas o trabalho deve ser feito pelo homem aqui e agora, quando ele entende que sua vida é marcada por um destino que não pode variar, e aqui nos deparamos com o problema do carma. E o carma, é claro, não pode ser reduzido, não pode ser superado, porque o carma não é nem mais nem menos do que uma alquimia que ainda não ocorreu, ou seja, vemos uma coisa, ela nos parece boa e a aceitamos; e essa coisa que nos parece boa hoje, depois de um certo tempo não é mais útil, mas nos apegamos a ela porque é mais fácil adquirir algo que já sabemos do que algo que nos é desconhecido, porque nas profundezas do coração há sempre um medo do novo, do desconhecido. E, se quisermos efetuar a transmutação alquímica que nossa natureza transcendente exige, devemos mudar nossas atitudes tão radicalmente, que nossa ação deve necessariamente variar completamente. E é essa transformação social que pode produzir um estado de paz em um mundo de agonia ou criar ordem neste século de caos.

A meu ver, é isso que deve ser feito, feito nobremente, feito com plena consciência da ação, feito mesmo sem o conhecimento que possuímos sobre qualquer atitude do homem na vida, psicológica, psíquica ou mental. Estamos tentando produzir uma catarse, estamos todos interessados em produzir uma catarse, essa catarse, justamente, sendo o significado íntimo dessa transmutação; e eu os aconselho, se decidirem realizar esta transmutação, a não se deixarem levar pelos resultados passageiros, pela espetacularidade do processo, pelo contrário, cada ato de transmutação provoca uma crise, e esta crise vem trabalhando em nós há muitos séculos, não só produziu uma catarse, como vem crise após crise. A evolução do mundo é uma série infinita de crises que não foram transcendidas, que não foram transmutadas. A transmutação não afeta a pequena entidade que somos como seres humanos, afeta todos os contextos sociais em que vivemos imersos, e se não for por esse método o mundo continuará nas sombras, e sempre veremos que Klingsor, aquele que sempre luta contra as forças do bem predominará sobre as forças do mal, e as forças do mal jamais serão derrotadas. Devo dizer que é o medo da crise às vezes, e mais ainda quando a pessoa está dentro de uma crise e a evita, resiste a ela, não se deixa penetrar por essa crise, a pessoa fica constantemente produzindo coisas novas

para evitar a crise, mas ela existe, e a pessoa sofre. Este sofrimento indica que não há transmutação, que produz alegria de viver, harmonia, equilíbrio e, por fim, síntese espiritual, entendendo por síntese aquele ponto infinito dentro da vida de qualquer ser em que a imanência e a transcendência formaram um todo unido, em que são a mesma coisa, a mesma essência, não há mudança, mas há um equilíbrio perfeito e há paz. É o que devemos buscar: a paz, a paz que sempre vem da transmutação. É como se disséssemos que o Cálice do Santo Graal deve ser purificado ao máximo para que o poder do Verbo, da transcendência, possa penetrar nesse vaso místico que é o nosso coração. Sempre que ouvirem falar do Santo Graal, não pensem simplesmente que é o Cálice onde o sangue de Cristo foi derramado no Gólgota, mas que é um mistério pelo qual o homem deve passar em cada uma das fases da sua vida social, se quiser progredir no caminho, se quiser ascender rapidamente ao longo das linhas da transcendência.

Como disse, a tradição com seus mitos, com suas simbologias, tem sua razão de ser. O homem deve descobrir o que está por trás do mistério, por trás do mito, por trás da simbologia. Por exemplo, do sangue que, dizem-nos historicamente, José de Arimateia recolheu do lado de Cristo e encheu o Cálice do Santo Graal e que este cálice foi depois guardado num lugar misterioso e que todos os Cavaleiros do Santo Graal que se esforçaram na sua busca nunca o puderam encontrar fora de si mesmos. Era um símbolo simples; há dentro do coração a verdadeira alquimia transmutadora, que deve purificar o Cálice, pois o Coração é o Cálice do Graal, sendo, se falarmos simbolicamente, a Hóstia Sagrada que penetra no Cálice, o centro Sahasrâra iluminando toda a nossa vida.

Então, todo esse processo, buscando a redenção da substância, buscando a redenção mental, buscando a redenção emocional, nada mais é do que a busca pela Pedra Filosofal. A Pedra Filosofal é a consequência de ter purificado o Cálice, de ter introduzido no Cálice o Verbo da revelação. Quando o Rei Argos estava procurando o Tosão de Ouro, ele estava procurando a mesma coisa que Parsifal, ele estava procurando a Pedra Filosofal, que é a pedra da imortalidade, ou seja, o contexto sagrado, transcendente dentro do ser. E, dentro desse contexto, descobrir os mistérios que foram produzidos, descobertos e desenvolvidos séculos atrás. Não o foram por causa da inércia da mente humana, do coração humano, de interpretar os valores ocultos da natureza e decidir sobre a ação social, a verdadeira e mais pura das ações.

Vamos procurar ver dentro de nós mesmos a presença radiante. Percebamos, então, que cada uma das simbologias expostas à nossa razão inteligente deve ter seu ponto de aplicação prática para ser eficaz. A ação do homem é vital, a mente orienta, o coração aceita, mas a ação, a conduta é a coisa mais interessante. É a ação, a atitude de cada dia diante de qualquer fato que se apresenta à nossa ação que está nos iniciando, é o que está nos introduzindo na Câmara dos Mistérios. Não esperemos ser iniciados nos mistérios do Divino, nos mistérios da Hierarquia, ou nos mistérios de Shamballa, se não formos iniciados

por nós mesmos nas pequenas provações de cada dia, sem reação, sem esperar nada além de uma vida de trabalho, uma vida de ação, na qual a mente tem sua singularidade própria, onde cada um dos veículos tem sua função adequada. Mas o mais interessante de tudo é ser fiel à ação, a essa ação social à qual temos que nos referir tão oportuna e frequentemente.

Antes de concluir esta breve dissertação, para seguirmos com o diálogo, devemos estar conscientes mais uma vez de que quando há boa vontade, quando há um desejo muito intenso de descobrir os valores permanentes do espírito, quando estamos realmente tentando organizar a nossa vida em termos de realização, estamos produzindo um milagre ao nosso redor. Nós nos tornamos seres radiantes, aqueles que lutam dentro do contexto social para alcançar uma sociedade mais justa e equilibrada. Se o iniciado devesse ser medido apenas pelo conhecimento, qualquer intelectual e erudito seria um iniciado. Felizmente não é o caso, porque o que se exige nos mistérios, o que o Parsifal que está em cada um de nós deve revelar é, precisamente, a ação certa, não a quantidade de conhecimento, nem mesmo a qualidade dele, mas a qualidade da ação, se podemos formar ao nosso redor um mundo de harmonia que será um perigo para todas as forças do mal que possam existir em cada um dos níveis do nosso sistema planetário. Trata-se, como poderão ver, não apenas de uma explicação racional mais ou menos esotérica, mais ou menos científica, mas de um desafio à nossa autêntica virtualidade como investigadores da verdade.

***Interlocutor.-** Acho que, usando a lei da analogia, podemos ver que o ciclo que de alguma forma ocorre no ser humano, assim que há um desequilíbrio, assim que o Morador no Umbral ou o Anjo da Presença, de alguma forma, provoca esse atrito, essa crise em qualquer indivíduo, ou seja, através de sua evolução ocorreram essas crises e foram confrontadas e transmutadas, de alguma maneira, em nível alquímico e uma evolução ocorreu nesse indivíduo. Usando essa mesma analogia, e a partir dos dados que conhecemos, vemos que Krishna e depois o Cristo também usam praticamente as mesmas frases, para dizer que quando a moral, a lei, etc., etc., estiverem no fundo do poço, Ele voltará, ou seja, de alguma forma, parece ser, suponho, que essa crise é provocada dos planos da Hierarquia para que a humanidade se veja arrastada, impulsionada, porque podemos dizer geralmente que a massa é inconsciente desse processo, então, arrastada por essa condição planetária, ela pode progredir junta e chegar a esse grau, por assim dizer, de transmutação alquímica do que vinha sofrendo até agora, do que vinha acumulando até agora, então, podemos ver que esse novo aparecimento do Cristo, que se espera seja em breve, também se deve a nada mais e nada menos que a outra lei cíclica. Então vemos que praticamente vai se cumprindo que a cada dois mil anos, mais ou menos, vem uma crise dessas duas entidades, da Loja Branca e da Loja Negra em seus respectivos planos que estão lutando para que a humanidade possa transmutar toda essa série de energias que até agora foram se acumulando no planeta, isto é, em escala macrocômica ou no homem, dentro de sua própria escala microcômica.*

Vicente: Essa alquimia e a luta entre o bem e o mal, como eu disse, sempre existiu, o que acontece é que existem ciclos em que há mais força, e essa força é o que pode mudar o comportamento dos homens. Agora, por exemplo, estamos saindo da influência de Peixes e já estamos sendo invadidos por uma força superior que chamamos de força de Aquário, aquariana, mas é claro que isso também não diz muito para uma pessoa, porque são sempre forças que não são ruins em si mesmas, mas são forças que estão substituindo outras que estão desgastadas pelo uso, ou que já são inúteis; então, o esoterista pode dizer, por exemplo, vamos deixar tudo sobre Peixes e pegar apenas o que é Aquário, como se Peixes fosse, por exemplo, algo que pertence a Klingsor ou às forças do mal, e não a Parsifal.

Digo que todos os tempos têm coisas boas e ruins; boas no sentido de que foi criado um arquétipo social ou um arquétipo em algum reino da natureza, e quando há mais introdução de energias o homem sente a precipitação cármica e é então que se produzem mistérios e se revelam segredos. Percebam que em pleno período de aparente obscurantismo da Idade Média surge a glória do Renascimento, sendo o Renascimento um ponto de equilíbrio que, dentro da arte, dentro da tradição mais esotérica, deu um impulso à humanidade como nunca antes na história do planeta. Foi um impulso proveniente de energias que foram preparadas na forma de um avatar sobre alguns investigadores qualificados. Se analisarmos a vida do Renascimento, toda a sua projeção cultural e artística, veremos os homens que interpretaram essa análise decisiva do bem e do mal, por assim dizer, e criaram arquétipos na arte e na beleza; o Renascimento não pode ser superado vendo o que vemos agora na arte ou na música. Se tivermos um senso crítico de valores, se formos honestos conosco mesmos veremos a diferença entre a arte renascentista e a arte atual. Por que então esse milagre ocorreu? Como nos é dito esotericamente, foi um ensaio da Hierarquia para iniciar em grupo uma série de discípulos do 4º Raio: Rafael, Michelangelo, Leonardo Da Vinci e todos os grandes pintores que apareceram juntos. Eles foram iniciados por Shamballa, precisamente para resgatar um contexto da humanidade daqueles tempos, e aparentemente, a ignorância tomava conta das mentes e dos corações dos homens. Mas isso é algo que acontece em todas as épocas. Outro evento dentro da Era de Peixes é o Nascimento de Cristo, o passo mais transcendente na vida da humanidade. Cada época tem suas coisas boas, suas coisas admiráveis e suas coisas medíocres, mas não depende da época em si ou das energias vindas dos raios e das constelações, mas do espírito humano, dos seres que estão vivendo naquele tempo, da qualidade das pessoas. Portanto, quando falamos que deve haver qualidade, é como se estivéssemos dizendo que estamos preparados para receber uma força de outro raio, de outra constelação, que produza em nós e na vida social um grau positivo como o produzido pelo Renascimento. Devemos ser conscientes da história e também do que está além ou por trás da história, do que subjaz em cada um dos acontecimentos do tempo, para depois percebermos que são realmente fenômenos que não têm apenas a ver com a produção ou projeção de certas energias, mais ou menos dinâmicas, mais ou menos influentes, mas da

capacidade de recepção do ser humano em determinado momento no tempo. Portanto, não há épocas boas ou más, mas o coração do homem, de acordo com seu estado, acolherá o bom ou o mau. A luta continuará, e então talvez um novo milagre ocorra no processo, em qualquer momento cíclico que não seja provocado pela decisão do próprio Senhor do Mundo; assim como aconteceu com a Atlântida, em que a vida do planeta foi submergida nos oceanos. Vocês sabem disso. Então, observemos a diferença entre o afundamento da Atlântida e a projeção desse milagre do Renascimento, e vejamos o que podemos fazer, o que estamos sempre dizendo, que podemos avaliar os valores do espírito, podemos qualificar nossas vidas, podemos nos tornar autênticos criadores e não ficar imersos na mediocridade do que é cotidiano, do que é viver simplesmente dentro da ação rotineira. A ação é necessária, e a ação é sempre precedida de uma grande decisão individual, então devemos decidir, aqui e agora. Por que esperar? Se pudermos entrar com ousadia, sem medo, na Câmara de Mistérios do Coração e dali surgir triunfantes, mesmo que seja sangrando, sabendo que os sacrifícios aos quais também os Deuses criadores estão sujeitos, nós, que somos muito menos, devemos acatar a lei e seguir com coragem este caminho dos grandes Seres.

***Interlocutor.-** Vemos no mundo, por exemplo, que há pessoas que cumprem uma missão extraordinária para com os outros, como foi o mito de Fídias, então também é uma coisa cármica que eles fazem? Irmã Teresa, etc., pessoas que são uma ajuda para a humanidade diante das quais todos ficam impressionados, já vêm para esta missão?*

Vicente.- Acredito que todas as pessoas têm um destino, o que também acredito é que nem todos nós cumprimos o nosso destino. Fleming, por exemplo, como os grandes senhores do Renascimento, cumpriu seu destino. Digo Fleming como poderia ser qualquer personalidade da raça que produziu uma descoberta ou revelou um segredo da natureza para o bem da humanidade. Mas, se procurarmos os antecedentes cármicos, lendo na luz astral ou nos registros akáshicos, veremos que são almas que triunfaram sobre si mesmas, que estabeleceram uma linha divisória entre o bem e o mal e nunca cruzaram a fronteira que leva ao mal, que estiveram trabalhando para o bem supremo, receberam a inspiração do Anjo da Presença e não foram tentadas, por assim dizer, pelo Morador do Umbral. Se sabemos tudo isso, que somos tentados pelo diabo e que somos anjos no fundo, e que essa luta continua desde os tempos históricos em que a humanidade foi criada, só temos que viver muito alertas, com muito cuidado, se me permitem essa expressão, e a partir daí começar a escrever uma nova página na história da nossa vida, página na qual a palavra carma ou destino não terá o significado de fatalidade que lhe estamos atribuindo no presente. Essa ação, não sendo cumprida, o que necessariamente deve ocorrer se o homem seguir a conduta normal ou ordinária, produzirá os efeitos catastróficos que estamos vendo ao nosso redor.

***Interlocutor. -** Li, nos Mistérios da Yoga: "Um Raio, como vocês certamente sabem devido ao seu conhecimento esotérico, é a expressão de uma qualidade distintiva da*

Divindade, que se expressa neste universo através de sete grandes correntes de vida cujo centro de expansão se encontra no coração ou na mente de algumas dessas entidades cósmicas indescritíveis que chamamos de Logos Planetários ou Senhores do Raio. Cada um desses Senhores é o arquétipo de uma qualidade distintiva da Divindade e, na medida em que o homem, através da meditação, vai entrando em sua própria linha de Raio, ele está ao mesmo tempo definindo e realizando o arquétipo espiritual para o qual foi programado e cujo projeto de luz se encontra perpetuamente no Coração do Anjo Solar"; Em outras palavras, essa analogia está correta?

Vicente.- Sim, por que não?

Interlocutor: *Vemos em estudos esotéricos que as Sete Entidades ante o Trono são, ao que parece, sete tipos de energias, cada uma afetando um determinado setor da humanidade ou do cosmo. Mas que esses mesmos Senhores sejam ao mesmo tempo os Logos Planetários... está certo isso?*

Vicente.- Por que não? Vamos julgar a questão em termos de energia. Um Raio, esotericamente falando, é sempre uma qualidade distintiva de uma entidade que rege um planeta ou um grupo de planetas ou um sistema de universos. O que interessa é que saibamos por meio da analogia como ocorre essa ação. Como sabemos ou podemos ter lido, nosso universo é setenário; a razão é que há uma misteriosa vinculação com as sete estrelas da Ursa Maior e as sete estrelas das Plêiades, elas constituem um conjunto e, ao afetar nosso universo, o colore de forma setenária – percebam a importância do ser humano – tem sete chakras e sete glândulas endócrinas, pela natureza vemos que há sete sons principais, há sete cores no arco-íris, há sete dias da semana e sete planetas sagrados, se subirmos na analogia veremos que há sete Chohans de Raio que, através dos planetas sagrados projetando sua estrutura de Raios, estão se manifestando sobre cada um dos sete reinos da natureza. Então, essa analogia pode ser aplicada em tudo; o que importa é que a analogia está correta, é que a analogia não falha, a mente do homem falha porque não sabe estabelecer analogias. É preciso fazer de uma maneira ou de outra, o que Hermes Trismegisto nos ensinou quando disse: "*Como é em cima é embaixo, como é embaixo é em cima*"; isto é, que entre o átomo, o homem, o Mestre e Deus há apenas uma diferença de grau, mas não de essência, e o que é feito em cima tem repercussões embaixo e o que é feito embaixo reverbera em cima, como é dito misticamente nos Upanishads. O simples cintilar de seus cílios afeta a estrela mais distante, é um aparente mistério, mas quero dar uma noção dessa realidade que todos nós estamos tentando descobrir, ou seja, que quando estamos falando de analogias estamos falando da relação que existe entre o ser imanente e o Deus transcendente. Se o homem crescer dentro de sua própria imanência, necessariamente chegará o dia em que ele romperá as estruturas das fronteiras que limitam a ação humana e se tornará parte da corte divina. Então, como dissemos antes, imanência e transcendência terão se unido no tempo e no espaço e, paradoxalmente, no momento em que esse desejo do ser humano é formulado

na ação ocorre ao mesmo tempo, a extinção do mistério do tempo e do espaço, e então o homem percebe que o que ele entendia como espaço é a mente de Deus e não fazendo resistência pode pensar com a mente de Deus e, portanto, tornar-se um ser original, um ser criador, ele pensa com a mente de Deus, ele sente com o coração de Deus. Vamos nos dar conta dessa ação e viver plenamente na realidade. Vocês poderiam argumentar: o que é essa realidade? Para mim só há um: "Aqui e Agora", e na consciência deste aqui e agora, se apreciado em toda a sua absoluta integridade, veremos como sem nos darmos conta partimos do zero; estamos desatados do passado e do futuro e, pela primeira vez em nossa vida, começamos a atuar no presente, no presente mais imediato, ou seja, no "Eterno Agora". E percebemos que tudo é um movimento e que não há metas reconhecidas, pois quando estamos em busca de uma meta já paralisamos a ação do movimento e da vida interior.

Se percebêssemos essa realidade, nossa vida teria um caráter mais alegre. Poderíamos canalizar corretamente as energias que condicionam nosso destino, seríamos nosso próprio destino, não o destino criado pelo ambiente ou pelas circunstâncias de um passado ancestral, e nos sentiríamos tão desligados do passado que não seríamos afetados por esse passado, por mais glorioso que ele tivesse sido. Aí está o milagre! Ver tudo a partir do zero, aqui e agora! Estão vendo como é simples? A explicação, naturalmente, porque o que nos interessa agora é procurar a ação, com perseverança, com prática.

***Interlocutor:** Você disse que, nesse caso, o homem viria a romper seu destino, ou seja, poderia ir além da predestinação?*

Vicente.- Sim. Suponhamos que a predestinação, o que chamamos de destino, aceitemos o fato fatalista que deve ser cumprido, aceitemos esse fato, mas onde isso acontece? Na ação cotidiana. Então, se observarmos como deveria ser a nossa ação de maneira impessoal, sem aderir, simplificaríamos nossa vida de tal maneira que a predestinação não existiria, existiria um eterno movimento, sem identificação, porque o que condiciona o carma é o apego ao carma, ou o medo do carma, que é uma forma de apego.

***Interlocutor:** Acho que isso mudaria a visão do plano de Deus.*

Vicente.- Sim, mas quem é Deus? Só podemos ver Deus através do nosso critério. Segundo nosso critério entenderemos a Deus. Se entendermos através do nosso critério que podemos vencer o destino, vamos vencê-lo, porque somos deuses.

***Interlocutor:** Nós também temos livre-arbítrio, porque se de alguma forma tivermos apreendido com essa síntese que nos é inata, de alguma forma, se tivermos apreendido o Plano Divino, então seremos capazes de fazer o que o Cristo fez: "Senhor, seja feita a tua vontade e não a minha". De alguma maneira Ele aceitava implicitamente*

seu carma apesar de tê-lo reconhecido, ele só via que sua pequena meta estava sub-rogada a uma meta de natureza superior. Se de alguma maneira vimos isso, significa que tivemos um pensamento além do nosso tempo, e que, por outro lado, quem sou eu senão a Alma, e a Alma é Deus, certo?

Interlocutor: *Tenho a sensação de que, se formos iguais a Deus, ou semelhantes, podemos apagar a nossa dimensão, porque realmente acho que não somos capazes de escolher o prazer de uma criança nascida nem de viver um minuto a mais do que o momento em que temos que morrer. Se eu não posso realmente viver essas questões fundamentais e posso chegar através da compreensão a um conhecimento intelectual do mundo espiritual, obviamente preciso que esse Deus se manifeste pessoalmente para que eu possa compartilhá-lo na vida e não apenas no conhecimento. Então, eu acho que é diferente de ter esse Deus se manifestando, ou seja, Jesus Cristo, que parece ser o Filho de Deus, que se manifesta assim, portanto, não vejo outro caminho, outra possibilidade.*

Vicente.- Não sejamos muito drásticos em dizer que nascemos e morremos quando o destino diz. Não nos damos conta das dimensionalidades do nosso próprio ser, dos contatos que conseguimos estabelecer, aqui e agora ou antes, com o destino transcendente da nossa vida, dentro do qual há um juízo que não é mais meramente individual, mas pertence à própria essência de Deus. Não é que sejamos iguais a Deus, cuidado, eu disse que somos da mesma essência, da mesma substância, que um átomo é da mesma essência e substância do Criador, mas qual é a diferença entre a consciência do átomo e a consciência do Criador? Agora, se a pessoa tem uma ideia muito estilizada, muito concreta de Deus, é fácil para ela não entender Deus, porque Deus não é apenas uma abstração, eu disse que a capacidade do homem de ver a Deus depende de sua capacidade de julgamento ou de sua capacidade de inteligência ou de sua capacidade de amor. O que acontece é que o homem quer tentar compreender Deus sem antes ter purificado o seu coração, que é onde está o Santo Graal dos mistérios a que nos referimos. Se quisermos interpretar a Divindade, seja qual for o nome que quisermos, não precisamos ficar com as frases definidas, com a Energia Suprema do universo, com o Criador de tudo – porque há um Criador de tudo – então nosso raciocínio não será meramente intelectual, dado que Deus é como o ar, que você não pode tomá-lo, eu diria que o ar é mais sutil do que todos os ares, mas é de uma natureza que só pode ser compreendida pela intuição e virá pela revelação, e aqui estamos novamente com o efeito do Santo Graal em nossos corações, quando, nas palavras de Paulo, o Iniciado: "*Cristo em vós esperança de glória*", não é de Cristo na mente a esperança de glória, mas a glória está no coração. Não podemos descobrir a Divindade ou a ideia mais substancial da Divindade através de um conceito ou raciocínio intelectual, por mais profundo que seja, mas será em um momento de quietude solene quando, de uma maneira ou de outra, estivermos entrando na câmara secreta do coração e tivermos compreendido, e este é um entendimento de tal natureza que não cria imagem. Naturalmente, o que a pessoa busca – o que você estava dizendo – é personificar Deus, criar uma imagem, e ao criar uma imagem se cria uma

confusão , porque quantas imagens existem de Deus, porque a qualidade do critério cria um Deus. Como vocês estão contemplando o Sr. Beltrán certamente terão uma ideia ou um raciocínio muito diferente uns dos outros, e eu não sou que, naturalmente, eu não ou o critério de vocês. Então Deus também não é o critério que a humanidade tem ou que todos os reinos da natureza têm; é algo que escapa além da razão, é algo que se sente mais, ou que se vive mais do que o que pode ser produzido na mente; é um sentimento. Quando estamos em paz, eu diria: "Estou com Deus", e a frase me parece muito apropriada, essa paz está além de qualquer compreensão. Não é nada intelectual, é simplesmente um ato de oferenda a uma ação da própria Divindade em meu corpo, e isso é realmente o interessante, é que estamos canalizando as energias de uma maneira correta, de uma maneira completa.

***Interlocutor:** Às vezes, a compreensão da criação e de Deus não poderia ser comparada a como se estivéssemos viajando em um trem às escuras e que o que geralmente sempre vimos como um trem que não fosse um trem, que estivesse coberto de lençóis e que estávamos dentro desse trem, e estamos realmente viajando. Percebemos que estamos vivos, mas não vemos nada, estamos rodeados de lençóis, não há janelas e, ainda por cima, é noite. Agora, é possível que dentro do trem haja um maquinista, que esse homem veja alguma coisa, porque ele já vê o caminho, mesmo que esteja escuro e seja noite, mas com o passar do tempo e anos, vidas e o que for, chega um momento em que o sol nasce e se torna dia, já há um vislumbre diferente e, se ainda por cima esses lençóis começam a desaparecer, já vemos a paisagem e, então, entra no nosso interior uma visão muito diferente do que era antes, de que estávamos vivos, mas acho que não tínhamos a certeza porque estávamos viajando no trem, mas não tínhamos consciência absoluta de nada. Poderia ser algo assim?*

Vicente.- Sim, o símbolo pode ser muito aceitável, o que significa que estamos viajando cegamente e, naturalmente, o maquinista é sempre aquele que pode nos fazer ver, é como se disséssemos que onde há cegos o homem de um olho é rei, mas, em qualquer caso, o mais interessante é que estabelecemos dentro do coração, não uma ideia mais ou menos agradável da realidade, porque a realidade social que conhecemos é desagradável, e vocês admitirão comigo que parte dessa realidade muito desagradável pertence ao nosso próprio comportamento, um comportamento que pode ser tão estilizado ou tão complementado em um dado momento no tempo que uma catarse pode ocorrer também. Pergunto-me também se podemos produzir esta catarse e podemos viver orientados para esta realidade transcendente. Se vivermos assim, certamente o mundo mudará, porque, como nos foi dito biblicamente, toda pessoa com boa vontade, toda pessoa com juízo correto e toda pessoa capaz de amar sinceramente o outro é Sal da Terra. O Sal da Terra é o símbolo que o Cristo atribuiu aos seus discípulos: "Vós sois o Sal da Terra". Todas as pessoas que ousam lutar consigo mesmas, prescindindo da dor da luta e sem buscar resultados espetaculares verão como a ação se complementa de maneira diáfana

por dentro e há melhor visão, há iluminação e, singularmente, há paz. Quando há paz, pode-se dizer que o homem começa a trilhar o caminho iniciático.

E agora vamos fazer um pequeno silêncio para encerrar.

Palestra de Vicente Beltrán Anglada

Em Barcelona, em 3 de junho de 1981

Digitalizado pelo Conference Transcription Group (G.T.C.) em 26 de agosto de 2006
